



Duro desejo de durar[♦]

Vieira, M. A. Duro desejo de durar. [Congresso AMP 2020, papers+um](https://congressoamp2020.com/pt/el-tema/papers/01_papers_trad.pdf). Disponível em:
< https://congressoamp2020.com/pt/el-tema/papers/01_papers_trad.pdf >

Marcus André Vieira

Resumo

Em tempos de pós-verdade, é fundamental interrogar essa relação entre o real do sonho e as experiências de verdade a que ele pode nos conduzir. Nesse sentido, três sonhos abordados por Lacan em seu ensino podem nos permitir vislumbrar três diferentes modos de relação entre verdade e real no sonho, que são igualmente diferentes aspectos que o inconsciente freudiano assume para Lacan em seu ensino.

O sonho é apenas uma necessidade do processo de registro e arquivamento de memórias do organismo? Ou é emissário do que ocorre em outras esferas, por exemplo, inconscientes ou ainda espirituais? Em outros termos: devemos deixá-lo entregue ao reino do fora-do-sentido esquecendo progressivamente suas estranhas cenas e objetos ao longo do dia ou, ao contrário, vale, dele, buscar a leitura que oriente para além das agruras do cotidiano? Esse debate poderia se estender indefinidamente. Felizmente podemos, analistas, passar ao largo, pois para nós o essencial não está na relação do sonho com leis impessoais do organismo ou mensagens do além. O analista não busca o real do sonho em algo que estaria em outro lugar, como o místico ou o médico, mas ali mesmo, no encontro do analisante com Outra fala em sua própria fala. Só há sonho, para o analista, trazido à sessão, relatado. Não é apenas constatação do óbvio, mas postulado freudiano fundamental que Lacan sintetiza ao afirmar que Freud não faz nenhuma diferença entre o sonho e seu relato.¹ Contar um sonho em análise, como ato singular de fala, poderá ser, assim, essa combinação entre o que dele se diz e o que, nesse dito, se ouve.

É o que caracteriza o inconsciente freudiano, que Lacan inicialmente definiu como uma experiência de verdade. Mais que o conteúdo do que se descobre do inconsciente é essa experiência que conta. Nem tanto a verdadeira verdade sobre si mesmo, mas a certeza de que, mesmo apenas meio-dita, há um real da verdade. E isso muda e melhora a vida.²

♦ Redigido para [Papers do comitê de Ação da Escola Uma](https://congressoamp2020.com/fr/el-tema/papers/01_papers.pdf).

Grande parte do que esse texto avança deve-se ao trabalho do seminário Sonho e Tempo da EBP-Rio, com Romildo do Rêgo Barros, a quem agradeço *encore*.

Versão em francês: https://congressoamp2020.com/fr/el-tema/papers/01_papers.pdf

Em tempos de pós-verdade, porém, é fundamental interrogar essa relação entre o real do sonho e as experiências de verdade a que ele pode nos conduzir. Nesse sentido, três sonhos abordados por Lacan em seu ensino podem nos permitir vislumbrar três diferentes modos de relação entre verdade e real no sonho, que são igualmente diferentes aspectos que o inconsciente freudiano assume para Lacan em seu ensino.

O primeiro é o sonho do pai morto, apresentado por Freud em *A Interpretação dos Sonhos* e extensamente trabalhado por Lacan em seu *Seminário 6*. O sonhador encontra seu pai, recentemente falecido, como se estivesse em vida, sem saber, porém, que estava morto. A interpretação de Freud consiste em introduzir entre os dois temas fundamentais do sonho, “ele não sabia” e “ele estava morto”, a frase “segundo o desejo do sonhador”. Ao retomar o sonho Lacan distingue, no desejo do sonho tal como o situa Freud, *das Wunsch*, dois aspectos, a demanda, por um lado e o desejo, por outro. O real do desejo do sonhador não é seu anseio de morte do pai, esta é sua demanda. É, porém, uma demanda impossível e é neste impossível que reside o real do desejo. Para entendê-lo é preciso tomar o pai do sonhador como encarnando a função paterna em si. A morte do pai, dessa forma, seria o fim da função paterna, mas se ela delineia um ponto de origem subjetiva, como apagá-lo sem desaparecer? A estranheza do sonho reside, assim, menos na dor que afeta o sonhador, articulada a seu anseio de morte do pai, do que neste ponto paradoxal de impossibilidade que sustenta seu desejo como tal.

Para figurar este paradoxo, o sonho não apresenta a morte do pai como seu desaparecimento, mas como um modo especial de saber-sem-saber - estar vivo, mas morto e sem saber disso -, que sustenta, no sonho, o impossível do desejo do sonhador. É este não-saber que será destacado por Lacan como a chave da vida alienada do ser falante, seu ponto mais real, efeito da mortificação do gozo pela palavra, que afeta o pai, mas também a todos nós.

Não basta, porém, saber que não se sabe, é necessário, com a interpretação analítica, localizar, entre dois, esse vazio estruturante, espaço do sujeito que é também *locus* de seu desejo, presença de uma ausência. Lacan o localizará *entre* as duas linhas do seu grafo, essa impossível existência no desejo humano de sua impronunciável essência real de gozo.

Um segundo sonho, igualmente proveniente da *Interpretação dos Sonhos*, é comentado por Lacan no *Seminário 11*. O sonhador, que velara seu filho durante sua doença, tristemente fatal, adormece enquanto alguém toma conta do cadáver. Desperta, porém, ao encontrar, no sonho, a figura do seu filho dizendo-lhe uma frase ouvida durante a doença: “Pai, não vê que estou queimando?”, apenas para constatar que seu pressentimento antes de adormecer se realizara, uma vela havia caído no caixão e poderia ter causado um incêndio.³

Este sonho poderia encontrar sua interpretação nos termos do *Seminário 6* da seguinte maneira: “meu filho estava vivo outra vez”, “mas queimava”. No intervalo entre as duas cadeias de pensamento, seguindo a esquematização do grafo, estaria a ambiguidade fundamental do sonhador com relação ao filho, seu *Wunsch* de morte e vida, representada por um filho que está vivo, porém em chamas. Nada disso. Outra coisa interessa Lacan neste momento e exatamente por isso escolhe esse sonho, por considerar que essa representação do filho em chamas não é uma “formação de compromisso”, não designa o real do sujeito.

Não à toa é um sonho de angústia e não de tristeza. O filho em chamas é a figuração-limite, extrema, da vida como *fora* da cadeia significativa, não mais *entre*. Um real que escapa à apreensão discursiva do grafo do desejo, que não se deixa colher pela estrutura nem mesmo como ausência e negatividade, um real feito de excesso, ainda que figurado. É o real

não mais como corte, surpresa e falta, e sim, presença, encontro e gozo. É o real do objeto *a* que, em lugar de surpresa e reconfiguração, interpretação e verdade, leva ao encontro com o que, no Outro, é real e que Lacan define como, experiência de impossível despertar, impossível saída da vida. É o que faz Lacan, neste seminário propor, em vez de experiência de verdade o encontro faltoso com o real, não mais paradigma da interpretação, mas da função da transferência no tratamento que deverá, em seus termos, ser atravessada para que haja conclusão do tratamento.⁴

Um terceiro modo de apresentação do real na análise é igualmente abordado por Lacan a partir de um sonho, *Finnegans Wake* - ou *Finnícius Revém* na bela tradução de Donald Schüler.⁵ Transcrevo um dos primeiros parágrafos: “A queda (bababadalgharaghtakammi naronnkonnbronntonner-ronntunnthunntrovarrhounawnskawntoohooordenenthurhuk!) dum dantanho velhonário é relatada cedo no leito, depois sabe no conceito ao longo de toda a cristã menestrelidade. A grande queda desdeo altomuro arrastou em curtolance a pftjqueda de Fiínnicius, varão outrora mais q'estável, que a vaziamontesta, lá dele prumtamente desvestiga quem lhe diga o Ocidente o acidente da perda dos dedos dos pés: e seu parcoespaçoepouso é na porta do parque, lugar de arranjos de laranjas mofadas sobre o verde desde que Dia-dublim um diamou Livividinha. “

Para que não nos percamos na imensa ignorância e dificuldade que está em pauta sempre que o tema é Joyce, proponho apenas duas ideias.

Primeiramente, como na sessão de análise, a diferença entre sonho e relato se apaga completamente. Como diz, de Joyce, Samuel Beckett: “Vocês reclamam que essa coisa não está escrita em inglês. Na verdade, ela não está escrita. Não é para ser lida – ou melhor, não é apenas para ser lida. É para ser vista e escutada. Sua escrita não é sobre alguma coisa, é a própria coisa”.⁶

Na leitura desse texto para-não-ser-lido, Joyce nos leva a experimentar o que seria um sonho em que não há nem desejo, nem despertar e ainda assim estarmos marcados pela impossibilidade, selo, para Lacan, do real. Há uma navegação forçada na babel das línguas, que poderíamos sem dificuldade aproximar do que Lacan denominou *lalíngua*, coleção de fragmentos sonoros, sensoriais singulares que nos constitui e que é a base de nosso acesso à língua comum.⁷ Neste plano, o desejo como ponto de vazio fundamental, assim como o pai como nome da mortificação do falante por falar se esvai em detrimento do gozo de fazer vibrar esses fragmentos fora do sentido. Não há mais a suposição de que alguém, em algum lugar, saberia como pôr ordem no caos do mundo, o que define a função paterna. Só haverá a verdade quando, alguma coisa com que podemos topiar na leitura nos atinja, quando poderemos dizer: isso me toca. Trata-se não de uma pós-verdade, mas de uma verdade e ser assumida com o próprio corpo a partir dos encontros com os fragmentos de *lalíngua* que possam sustentá-la.⁸

Para concluir, uma analogia perigosa. Se em algum lugar hoje a suposição de saber se foi é onde se convencionou chamar de *redes sociais*. Nesse espaço, bem definido por Miguel Lago como “o reino das opiniões”, não há mais exceção, ou suposição de saber: “No perfil do papa no Twitter, internautas brasileiros se sentem no direito de contradizer suas análises teológicas. As redes sociais tornam o dono de botequim um especialista em exegese bíblica do mesmo quilate que o chefe da Igreja Católica”.⁹

Sem função paterna, sem suposição de saber, sem crença prévia em Outra cena, como fazer? Talvez inspirar-se no que indica Lacan ter feito Joyce? Segundo Lacan ele se safa com o fazer do artista, ao se livrar do pesadelo que era para ele o peso de uma história como a

da Irlanda escrevendo este texto que a retoma, destrói e reconstrói incessantemente sem começo nem fim.

Não seria isso próximo ao fazer do artista ao trazer às redes outro tipo de acontecimento que não os da verdade da opinião e da contra-opinião? Esta é minha analogia perigosa apoiada em Lorenzo Mammi. De fato, assim como em Finnícius, nem a surpresa do sujeito, o autor por exemplo, nem o despertar que pode provocar um objeto de arte estão mais em cartaz no campo da arte contemporânea, em que o essencial tende a ser a produção coletiva o processo de seu fazer, que é, em si, a própria intervenção artística. Segundo Mammi, nesse contexto, o essencial do fazer artístico seria a produção de algo que dure um pouco mais do que os objetos comuns a serem tragados pelo diálogo universal das redes, a serem consumidos pela crítica que precisa de algo que dure um pouco mais do que o jogo das opiniões para não rodar no absoluto vazio. Por outro lado, a arte precisa das redes para existir em um mundo em que o que não aparece desaparece., Desse modo, propõe que precisa desses objetos que restam quando tudo se foi e que são, portanto, um “estorvo necessário”.¹⁰

Não há verdade prévia, não há despertar, mas há a certeza de que o que somos, como real, feitos para durar mais que nossas falas. Durar, neste sentido, não é *lacrar*, durar na memória coletiva, mas durar como um suspiro dura no corpo que dá vida ao que Paul Elouard, lido por Lacan, enuncia como nosso *duro desejo de durar*.



¹ lo esencial del análisis freudiano se funda siempre en el relato del sueño en tanto articulado 26/11/58.

² Ele é um “achado”, que inclui tanto esta fala quando a experiência do encontro com ela. O inconsciente freudiano é, assim, “texto e hiância”, uma verdade recalcada e ao mesmo tempo a surpresa do acontecimento, para alguém, desta verdade. Lacan, J. O Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: JZE, 1988 primeira lição. Para a definição de Freud, cf. Freud, S. Sobre el Psicoanálisis (1913) Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1994, vol. XII, p. 211.

³ 29/1/64

⁴ ¿Cómo puede vivir la pulsión un sujeto que ha atravesado la fantasía radical? Esto es el más allá del análisis, y nunca ha sido abordado. Hasta ahora sólo es abordable al nivel del analista, por cuanto se le exigiría precisamente el haber atravesado en su totalidad el ciclo de la experiencia analítica. 24/6/64

⁵ Finnegans wake / Finícius Revém, Porto Alegre, Casa de Cultura Guimarães Rosa, 1999. Lacan que reconhece no texto, o relato de um sonho, escrito, que teria a especificidade de que o sonhador não seria nenhum personagem particular, mas “o próprio sonho”. 16/3/76

⁶ Beckett, *apud* Mandil, R.- *Os efeitos da letra*, *op.cit.*, 159.

⁷ 8/3/72

⁸ Verdade mentirosa

⁹ Lago, M. <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/procura-se-um-presidente/>
[https://kclpure.kcl.ac.uk/portal/en/publications/social-media-and-populism\(a7b25009-b214-416d-84bf-f494c2f61895\).html](https://kclpure.kcl.ac.uk/portal/en/publications/social-media-and-populism(a7b25009-b214-416d-84bf-f494c2f61895).html)

¹⁰ mammi Arte e o que resta da arte, p. 17.;